MUKANI

Inicio as minhas palavras dando meu agradecimento ao convite lançado [pela] equipe do Boletim do Observatório da Diversidade Cultural. Pra mim, é uma grande honra estar participando dessa entrevista, fazendo parte desse documentário tão importante, [que] traz a voz da mulher brasileira, de uma indígena que pra maioria do público acha que os indígenas ainda estão na pré-história. (...)

[Nas últimas semanas, além dos problemas de falta de sinal de telefone e de internet], estava com bastante demanda na aldeia, e também meu paizinho que já tem noventa e nove anos, esse ano já completa cem, estava muito doente, agora minha mãe também está doente, e eu fiquei muito desligada do celular (...). Mas vou responder [todas as perguntas da entrevista] do meio da Floresta. (...) Não quero ficar de fora dessa edição. Para mim, é sempre uma honra participar de conferências, falar um pouco da minha trajetória, da minha família, da minha aldeia e [sobre] o mundo o qual estamos vivendo hoje.

Eu só tenho que agradecer mesmo a oportunidade por estar participando dessa entrevista feita pelo Boletim. Me sinto muito honrada mesmo. Gratidão e shava shava.

Mukani Shanenawa(*)

(*)Mukani Shanenawa é Cacica e Pajé da aldeia Shane Kaya, aldeia composta em 90% por mulheres e localizada no município de Feijó, no Estado do Acre, na região Norte do Brasil.

MULHERES INDÍGENAS, LIDERANÇA FEMININA E ANCESTRALIDADE

Mukani Shanenawa

*Como sinalizado brevemente na fala de abertura, nossa entrevista com a **Mukani Shanenawa** teve algumas especificidades. Os contatos e a realização da entrevista com Mukani se deram por telefone, via aplicativo de mensagem ('Whatsapp'), entre os meses de abril e maio, período em que o Brasil iniciava uma guerra de enfrentamento contra a Covid-19. A região Norte e o estado do Amazonas foram os primeiros no país a enfrentarem graves situações de saúde pública em decorrência da pandemia, com o vírus atingindo inclusive comunidades indígenas isoladas na Floresta Amazônica. É também na região Norte, no Estado do Acre, localizada no município de Feijó, que fica a aldeia Shane Kaya, onde vive e de onde nos fala Mukani Shanenawa.*

Com problemas de internet e de sinal telefônico agravados pelo isolamento social em função da pandemia, os contatos com Mukani foram limitados e, infelizmente, nem todas as perguntas foram possíveis de ser respondidas antes de fecharmos esta edição. O relato oral de Mukani, enviado por meio de áudios - forma escolhida pela entrevistada para responder às questões -, foi transcrito e é apresentado a seguir. Mukani nos fala, direto da Floresta Amazônica, sobre sua história, liderança feminina, ancestralidade, participação em espaços de militância política fora da aldeia e sobre a situação do povo Shanenawa nesse cenário de pandemia.

Coordenação Editorial do Boletim ODC

Boletim ODC: Mukani Shanenawa, além de liderança política e espiritual, você também é formada em pedagogia e se tornou professora na aldeia Shane Kaya[1]. Gostaríamos de abrir essa nossa entrevista ouvindo de ti a respeito da sua trajetória e que ações têm sido feitas na sua aldeia para divulgar e fortalecer a cultura de seu povo.

Mukani Shanenawa: Sou Mukani Shanenawa, sou cacica, também sou pajé da aldeia Shane Kaya, localizada no município de Feijó, Acre. Tenho minha formação em pedagogia, não foi fácil eu falar hoje que sou uma pedagoga, pois encontrei vários desafios durante os cinco anos [da graduação], em que eu saía de casa, todos os dias de segunda a sábado, [às] cinco horas da manhã, e voltava para casa [por volta das] oito horas da noite. Deixava os meus filhos em casa e isso me trazia uma grande preocupação. Mas dentro dessa preocupação eu tinha também que ver um lado positivo, que era [o de] estudar e trazer o estudo de volta à minha comunidade *Shane Kaya*, para os meus filhos, meus sobrinhos, minhas irmãs, meus irmãos e, futuramente, meus netos.

Dentro da aldeia *Shane Kaya* são promovidos os festivais culturais que mostram [e contribuem com] o fortalecimento da cultura *Shanenawa.* Esses festivais são divulgados e neles se encontram não só povos indígenas, os povos originários, mas também outros povos. Povos "brancos" de outros estados, de outros municípios, que vêm para prestigiar e compartilhar aquilo que há de melhor junto com nós da aldeia *Shane Kaya*.

A tradição de seu povo é que a liderança da aldeia seja passada de pai para filhos. Na sua família nasceram apenas mulheres, o que fez com que seu pai, o antigo cacique e pajé Shoayne[2], passasse a função para uma liderança feminina. A tradição masculina também é observada quanto à liderança espiritual, pois apesar de a mulher indígena sempre ter exercido um papel importante no contexto de cura, como benzedeiras, parteiras e na assistência ao pajé, a atuação da pajelança em si, como pajé, é uma prática que também era reservada somente aos homens. A aldeia Shane Kaya tem a particularidade de ser uma aldeia feminina,

1 Na língua do tronco linguístico Pano, Shane Kaya significa "pássaro verdadeiro" ou "povo verdadeiro". Shanenawa, por sua vez, seria "povo do pássaro azul" (shane, "passáro azul", e nawá, "povo").

2 Shoainê ou Shuayne.

composta em 90% por mulheres, portanto, um lugar de potente força feminina. Suas irmãs já assumiram o comando como cacicas da aldeia, sendo você a atual cacica além de também ser pajé. Nos conte como se deu essa passagem do comando da liderança política para as mulheres na sua aldeia. Como essas duas esferas, política e espiritual, estão relacionadas ou se influenciam para esta mudança de liderança da aldeia feita por mulheres?

A liderança feminina é uma tradição que vem desde nossos antepassados. Antes de receber esse cargo de cacique eram somente os homens que poderiam fazer tudo isso. Mas hoje não. Hoje eu acredito que nós, filhas de pajé *Shoayne* e dona *Txirá* parteira, viemos para fazer a modificação, para mudar o nome do povo Shanenawa. Com má sorte ou uma sorte imensa que jamais outra pessoa pode ter dentro do povo *Shanenawa*, nascemos só mulheres. Somos seis irmãs mulheres. Meu pai tem um filho homem (...), mas já é de outro casamento. Meu pai, *Shoayne*, é o *Tuxawa*[3] do povo *Shanenawa*. Então, esse cargo de cacique é hereditário e, quando meu pai não quis mais assumir esse cargo de cacique, repassou para minha irmã mais velha, *Nawa Shahu*.

Minha irmã *Nawa Shahu* começou a trabalhar nesse cargo em uma aldeia em que a gente morava antes, chamada Morada Nova, que fica bem em frente ao município [de Feijó]. Antes, essa aldeia já estava quase conhecida como segundo bairro de Feijó, por ser muito próxima, e a cultura não-indígena já estava muito envolvida no nosso dia-a-dia. *Nawa Shahu* trabalhava de cacica e liderava onze aldeias. Então já começou daí. Também não foi um cargo fácil, [pois era difícil] fazer com que o machismo diminuísse em relação à liderança feminina. Então, ela foi cacica da aldeia Morada Nova por [um] longo tempo.

Depois, através de uma medicina sagrada *Uni*[4], que a gente a consagrou [*Nawa Shahu*]. Meu pai, por ser um pajé da medicina tradicional, consagrou a medicina conosco e a natureza nos chamou, fez o nosso chamado pra gente fundar a aldeia *Shane Kaya* para revitalizar cada vez mais a nossa cultura, no modo geral, nosso vestuário, [nosso] artesanato,

3 *Tuxawa* ou *Tuxaua* é uma palavra de procedência Guarani que designaria o chefe político de maior grau de um grupo indígena.

4 *Uni* está relacionada ao uso medicinal e sagrado de uma bebida feita com cipó e outras ervas popularmente também conhecida como *Ayahuasca*.

nossa fala, que é a língua materna, nossa culinária e tudo aquilo que nos envolve. Ao fundar a aldeia *Shane Kaya*, a primeira cacica foi minha irmã *Pukashaya*, conhecida como Edina Shanenawa.

[Na aldeia *Shane Kaya*], a gente começou a trabalhar cada vez mais na coletividade, [pois] unidas seremos mais firmes e fortes. Colocamos sempre o provérbio "Se Deus é por nós, quem será contra nós?". Será que os homens serão contra nós? Não, [eles] estão mostrando o contrário. E a *Pukashaya* é uma pessoa bem política, tanto no mundo não-indígena quanto no mundo indígena, é uma pessoa que batalha muito.

Em agosto de 2019, foi realizado, em Brasília, o 1º Fórum Nacional das Mulheres Indígenas. O evento teve início no dia 09 e foi finalizado no dia 13, quando aconteceu a 1ª Marcha Nacional das Mulheres Indígenas, com o tema "Território: nosso corpo, nosso espírito". No dia seguinte, 14 de agosto, ocorreu a tradicional Marcha das Margaridas, manifestação realizada desde os anos 2000 por mulheres trabalhadoras rurais, e nesta ocasião fortalecida pela presença das indígenas. Mukani, você e suas irmãs estiveram nesse momento histórico para a visibilidade política das mulheres indígenas. Por favor, nos conte sobre a participação de vocês nestas Marchas e, se possível, destaque algumas pautas de luta das mulheres indígenas debatidas. Por que é importante para vocês mulheres e lideranças indígenas estarem nestes espaços de mobilização política fora das aldeias?

Em agosto de 2019, fomos participar da 1ª Marcha das Mulheres Indígenas. Fomos *Sapuani* e *Pukashaya* e eu. Fomos [as] três irmãs representando o Acre e em especial a nossa aldeia *Shane Kaya.* Foi um Fórum de grande importância, que mostra que não só mulheres do Acre, mas mulheres de *Shane Kaya* são capazes de mostrar que somos fortes e guerreiras para dar continuidade às nossas atividades.

A Marcha das Mulheres Indígenas foi pra mostrar para o mundo inteiro que a mulher não nasceu só para afazeres domésticos. Mulheres nasceram também para fazer a modificação no mundo. Se não existisse mulher, como que seria o mundo? Como que seria o homem sem a mulher? E a mulher sem o homem também? Então, juntando as duas parcerias a

gente consegue trabalhar com mais rapidez e conseguimos alcançar o nosso objetivo único. Mas poucos homens dão essa importância, né?

[Na marcha] tiveram mulheres fortes do mundo inteiro. Apesar de que algumas, dentro dos seus relatos, falavam que muitas delas estariam naquele local porque os seus esposos não estariam em casa, não estavam na aldeia, ou estavam fazendo outra atividade fora da aldeia e, por isso, elas tinham ido, porque era uma oportunidade que elas tinham para mostrar que elas também eram capazes.

Então, a Marcha das Mulheres Indígenas foi, é, e sempre será de grande importância. Por isso, eu acho muito importante não ser só a primeira, mas que possam acontecer muitas e muitas vezes de nós mulheres indígenas nos juntarmos para mostrar como nós temos também a potencialidade de fazer as atividades funcionarem.

Para mim, foi um grande aprendizado, porque foi a primeira vez que eu tive que sair do Acre, sair para fazer essas atividades com minhas irmãs, a *Edina Shanenawa* e a *Sapuani*. Saímos nós três e fomos em busca de mostrar o nosso trabalho também para fora do Acre, fora da nossa aldeia. Para mim, foi muito importante mesmo, só tenho que agradecer primeiramente à *Nuke Epa Iripã*, que é Deus, nosso pai Deus, segundo à minha irmã *Pukashaya*, e também à nossa grande amiga Marcela, que fez a vaquinha on-line, fez com que captássemos recursos para que a gente pudesse chegar até lá. Não foi algo fácil, que foi dado, como diz aquele provérbio brasileiro, "não foi de mão beijada" que a gente conseguiu as

Foto: Néle Azevedo. A história não é o terreno da felicidade. Bahia, Brasil. 2013.

passagens para ir participar da Marcha das Mulheres Indígenas.

Em seguida, participamos também da Marcha das Margaridas, [na qual] a gente teve a interação, a socialização com as mulheres não-indígenas. Para mim, também foi muito importante porque [na oportunidade, falamos] sobre saúde, educação, o reconhecimento do trabalho das mulheres tanto no artesanato, na agricultura e em tudo aquilo que nos envolve. Nós, mulheres, não nascemos para só fazer algo que muitos dos homens querem que as mulheres façam. Nós nascemos também para mostrar que somos capazes de ser professoras, médicas, de trabalhar em editoras, de dizer que "eu sou mulher e eu sou capaz de fazer tudo aquilo que vem, que Deus me ordena, e que eu farei, que nós faremos com muito respeito e, acima de tudo, com carinho". Porque se não for um trabalho feito com carinho, não sai um trabalho de qualidade. Eu só tenho que agradecer mesmo essa oportunidade [de ter participado dessas Marchas].

Para finalizar, você pode nos contar como está a aldeia Shane Kaya nestes tempos de pandemia?

Com o surgimento da Covid-19 - sabemos que essa pandemia não está sendo fácil para o mundo inteiro, e, em especial, para a população indígena e as pessoas de baixa renda. É uma doença que requer muito resguardo das pessoas em casa - nós aqui na aldeia *Shane Kaya* fizemos uma reunião em que todos entraram em acordo para não sair para a cidade.

Então, a nossa sustentabilidade aqui dentro não está sendo tão fácil, mas também não tão difícil, porque aqui a gente planta bastante para nossa sustentação. Por outro lado, eu falo que não está sendo fácil porque no mundo que nós estamos hoje não é mais o dos nossos antepassados. Antes de terem o contato com o povo não-indígena, [eles] comiam sem o sal, sem o óleo, sem algum tempero. Então, [nossos antepassados] comiam coisas mais naturais, alimentos extraídos da natureza, porque ainda não tinham tido esse contato. Mas com a colonização e a escravidão que o povo *Shanenawa* sofreu, como meu pai nos conta nas suas muitas histórias, [nossos costumes foram violentamente transformados].

Para o povo *Shanenawa* começar a falar o português, por exemplo, sofreu muita escravidão. [Ninguém] podia falar no seu idioma porque as pessoas [os colonizadores] batiam muito até tirar o sangue, muitas das vezes chegavam a matar. E, para sobreviver, meu pai conta que tinha que comer comida temperada com sal. Por não ter esse hábito de comer alimento temperado, muitos dos índios acabavam falecendo. Então, tem todo esse processo de longa data. A colonização fez com que a gente comesse hoje os alimentos industrializados. Então, não tem como fugir dos alimentos industrializados. E a gente está passando por essa dificuldade e essa necessidade de ter que ir para a cidade comprar algum alimento que vem de lá. A gente ainda não tem o açude, por exemplo, pra tirar o peixe. Então, [como a gente precisa sair da aldeia e se deslocar até a cidade], está sendo um pouco difícil nessa questão.

O recurso que a gente captava também era através da nossa venda de artesanato, de vivências feitas dentro da *Shane Kaya*. Com o surgimento da pandemia, está tudo paralisado. Não temos mais como vender nossos artesanatos e nossa produção agrícola para comprar aquilo que nós não produzimos dentro da aldeia, como já coloquei, por exemplo, com os alimentos industrializados. Hoje a gente não pode fugir do mundo da tecnologia. O mundo que traz tanto o tradicional quanto o ocidental para dentro da cultura indígena.

Dentro da aldeia, nós estamos nos resguardando o máximo que podemos. Para ir para a cidade fazer alguma coisa, tipo comprar alguma alimentação, só tem que ir uma pessoa. Ela passa nas casas fazendo a lista do que precisa comprar e uma pessoa vai, compra e, quando chega na entrada do ramal, entra em comunicação e as pessoas procuram um meio de carregar a alimentação para dentro da aldeia. Então, está sendo muito difícil nessa questão de captação de recursos, geração de renda para dentro da aldeia, para a família *Shane Kaya.* Mas quanto ao restante das coisas, graças a Deus, a gente está levando na melhor forma possível.

É um processo que não é fácil, que a população, de modo geral, está passando. É algo que traz uma grande preocupação, que acaba mexendo com o psicológico da maioria das pessoas. Vamos colocar Deus, primeiramente, diante de todas as coisas que possam acontecer tanto de bom e ruim nas nossas vidas.